

Bolsista: Miguel Alexandre da Costa Azaldegui

Orientadores: Margarida de Souza Neves, Silvia Ilg Byington e Eduardo Gonçalves

Esta pesquisa tem como objetivo relacionar 3 momentos do movimento estudantil: sua atuação no período ditatorial, as mudanças de identidades e demandas enfrentadas no anos 1990, e suas particularidades na PUC-Rio do século XXI.

Clandestinidade e rearticulação



Alunos reunidos no Ginásio da PUC-Rio para a contagem de votos, 05/10/1979. Fotógrafo Juliano Serra Barreto. Acervo Juliano Serra Barreto.

O movimento estudantil entra na clandestinidade com a instauração do regime militar em 1964 e a extinção da UNE. Os estudantes rearticulam-se de diferentes formas que vão da criação de entidades livres “ilegais” à mobilização em grupos armados como reação ao endurecimento da ditadura.

Novos atores e falta de representatividade

O aprofundamento do processo de globalização e suas dinâmicas neoliberais no Brasil produz mudanças nos perfis e demandas estudantis e em suas formas organizativas. As **novas sociabilidades militantes** emergem como alternativa às instituições tradicionais de luta.



Faixa de convocação da assembleia geral dos estudantes, Rio de Janeiro, 1987. Fotógrafo desconhecido. Acervo Núcleo de Memória da PUC-Rio.

O movimento estudantil na PUC-RIO e suas disputas

As disputas dentro do movimento estudantil na PUC-Rio representam, atualmente, o choque entre as tradicionais bandeiras de luta e as novas identidades do corpo de estudantes. As chapas eleitas para o DCE utilizam um discurso híbrido que evoca o **mito do poder jovem**, reapropriando-se de seu sentido original em função das problemáticas atuais.



Debate do movimento estudantil no Pilotis da PUC-Rio, 17/11/2014. Fotógrafo Antônio Albuquerque. Acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio.